

A INTERFACE ENTRE A SAÚDE MENTAL E A ATENÇÃO BÁSICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

THE INTERFACE AMONG MENTAL HEALTH AND PRIMARY CARE: A LITERATURE REVIEW

LARISSA RIBEIRO ALQUATI¹, GUILHERME CORREA BARBOSA^{2*}

1. Acadêmica de graduação em Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu. UNESP; 2. Enfermeiro. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu. UNESP.

*Av. Prof. Mário Rubens Guimarães Montenegro, s/n, UNESP, Campus Botucatu, Botucatu, São Paulo, Brasil. CEP: 18618-687.
gbarbosa@fmb.unesp.br

Recebido em 25/10/2016. Aceito para publicação em 11/01/2017

RESUMO

A saúde mental é uma prática integradora que tem expandido seu cuidado para o território e isso inclui a participação da atenção básica dentro da rede de atenção psicossocial. Trata-se de uma investigação que utilizou como estratégia metodológica a revisão integrativa para possibilitar conhecer como tem se dado a articulação da saúde mental com a atenção básica. Foi realizado um levantamento bibliográfico na base de dados da Scientific Electronic Library Online - Scielo. E os artigos foram selecionados a partir da questão que permeou o estudo conhecer a contribuição das investigações científicas publicadas nos periódicos, durante o período de 2010 a 2016. A partir da análise de dados, emergiram duas categorias: apoio Matricial e outras ações de saúde mental na atenção básica.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental, atenção primária à saúde, serviços de saúde

ABSTRACT

Mental health is an integrative practice that has expanded its care to the territory and that includes the participation of primary care in the psychosocial care. This is an investigation that used as a methodological strategy an integrative review to know how the articulation of mental health has been into the primary care. It was conducted a literature review in Scientific Electronic Library Online - Scielo database. And the articles were selected from a guiding question that permeated the study to know the contribution of scientific research published in journals during the period 2010-2016. From the data analysis, two categories emerged: Support Matrix and other mental health services in primary health care.

KEYWORDS: Mental health, primary health care, health services

1. INTRODUÇÃO

A saúde mental é um campo extenso do conhecimento, repleto de significados, na qual diversas áreas se entrecruzam (CAMPOS et al, 1999).

Pode ser entendida como um campo complexo de saberes e ações, que permeia por várias esferas e caracte-

teriza-se por atividades inter e transdisciplinares e inter-setoriais. Busca-se contrapor a forma que a psiquiatria tradicional foi constituída enquanto ciência: alicerçada no modelo biomédico, em que o foco era buscar conhecer/reconhecer os sintomas apresentados, medicalizá-los para propor o isolamento da família e da comunidade como forma de tratamento (CAMPOS et al, 1999).

Desde o início da psiquiatria até o que hoje é chamado de saúde mental diversas mudanças ocorreram, já que inicialmente os doentes, conhecidos como alienados, foram separados e excluídos da sociedade, esquecidos em manicômios em detrimento da sua doença. No Brasil a exclusão não foi diferente: os hospitais psiquiátricos não tinham condições sanitárias e os direitos de cidadania dos pacientes não eram respeitados (CAMPOS et al, 1999).

Entretanto, no início da década de 80 tal cenário começou a modificar-se influenciado pelos modelos europeus de substituição de manicômios por serviços territoriais e também pela questão dos direitos humanos que se expandia (BRASIL, 2013).

Além disso, na mesma época, com criação do Sistema Único de Saúde (SUS) os modelos de hospitais psiquiátricos foram questionados e, com o passar do tempo, reorganizados (CAMPOS et al, 1999).

Essa reorganização teve fortes influências do movimento da Reforma Psiquiátrica em decorrência da reestruturação das políticas de saúde mental no Brasil, que uniu, do político ao social, diversos esforços para que transformações de valores, saberes e práticas ocorressem dentro das instituições que cuidavam dos doentes (BRASIL, 2005).

Toda essa movimentação contribuiu para o que se vê hoje na prática da saúde mental: criação de serviços substitutivos ao aparato manicomial como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), além da inclusão das Unidades Básicas de Saúde na rede de cuidados (BRASIL, 2013).

Atualmente a rede cuidados em saúde mental está alicerçada na Rede de Atenção psicossocial (RAPS) que

apresenta como diretrizes: o respeito aos direitos humanos, garantindo a autonomia, a liberdade e o exercício da cidadania; promoção da equidade, reconhecendo os determinantes sociais da saúde; a ênfase em serviços de base territorial e comunitária, diversificando as estratégias de cuidado, com a participação e controle social dos usuários e de seus familiares; a organização dos serviços em Redes de Atenção à saúde regionalizada, com estabelecimento de ações intersetoriais para garantir a integralidade do cuidado; e o desenvolvimento da lógica do cuidado centrado nas necessidades das pessoas com transtornos mentais, incluídos os decorrentes do uso de substâncias psicoativas (BRASIL, 2011).

Estima-se, segundo o ministério da saúde, que 3% da população necessitada de um cuidado contínuo devido a transtornos mentais severos e persistentes e 9% carece de atendimentos ocasionais por causa de transtornos menos graves (BRASIL, 2007).

Os serviços da Atenção Básica fazem parte da RAPS, e são uma ferramenta importante para o acompanhamento e auxílio aos pacientes com agravos relacionados ao uso de álcool e outras drogas ou com determinados sofrimentos psíquicos, devido à proximidade com famílias e território que uma equipe da Estratégia de Saúde da Família (ESF) ou de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) possui (BRASIL, 2007).

Portanto, em meio a todos estes processos de desconstruções e novas construções de modelos de atendimento ao paciente psiquiátrico, juntamente com um trabalho coletivo, territorial, participativo e inclusivo pode-se enxergar dentro da atenção básica novos caminhos para a implementação de ações de saúde mental que contribuam no cuidado e manejo dos pacientes para o trabalho em rede (MODESTO; SANTOS, 2007).

Visto que as propostas do cuidado em saúde mental e da atenção básica convergem e esbarram no ponto da autonomia aos cidadãos, da participação individual e coletiva, com os princípios do SUS de universalidade, equidade, humanização, responsabilização e vínculo (BRASIL, 2006).

Este estudo torna-se importante para apresentar as diversas interfaces que compõe todo o cuidado com os portadores de transtorno mental.

No entanto faz-se necessário conhecer como tem se dado a articulação entre a saúde mental e a atenção básica, focando que a atenção básica é parte integrante da RAPS. Por esta razão buscamos conhecer as produções científicas sobre a temática.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão de literatura para compreender como têm ocorrido as articulações entre os serviços de saúde mental e atenção básica.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para desenvolver este estudo foram utilizados os

pressupostos da revisão sistemática da literatura que, por sua vez, reúne conhecimentos advindos de outras pesquisas disponíveis para consulta e de práticas clínicas descritas para a formação de uma síntese de resultados que subsidiem próximos estudos em determinada área (MENDES et al, 2008).

Esta revisão foi elaborada em seis etapas, que seguem: identificação do tema e questão de pesquisa, determinação de critérios para a inclusão e exclusão de estudos/ busca na literatura, categorização dos estudos, avaliação dos estudos incluídos, interpretação dos resultados e apresentação da revisão/síntese do conhecimento (MENDES et al, 2008).

O tema da pesquisa permeia as esferas da saúde mental e atenção básica a saúde, já a questão norteadora foi: Quais articulações têm ocorrido entre a saúde mental e a atenção básica?

Para identificar estudos e publicações relativas ao assunto foi efetuada uma busca on-line na base de dados do Scientific Electronic Library Online - Scielo. Os estudos utilizados foram encontrados através de dois descritores: “saúde mental” e “atenção primária à saúde”. Foram utilizados os resultados publicados nos últimos cinco anos, ou seja, 2010-2016. A busca ocorreu no mês de julho de 2016.

Os critérios para a pesquisa foram: textos completos, publicados em forma de artigos em periódicos nacionais; serem escritos por autores brasileiros e abordarem a população adulta; além de encaixarem-se na temática proposta. Foram encontrados 63 artigos, e destes, 27 estavam dentro dos critérios de inclusão para o estudo.

Através da seleção de estudos foi possível categorizar os artigos para responder com mais clareza as questões e os objetivos deste trabalho. Com isso, a análise dos dados buscou atingir os objetivos e o exame minucioso permitiu elaborar duas categorias: apoio matricial e outras ações de saúde mental na atenção básica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados 27 de um total de 63 artigos. Foram excluídos os que não se encaixaram nos critérios e na temática abordada, com os descritores “saúde mental”, “atenção primária à saúde” e “serviços de saúde”.

Tabela 1. Distribuição das referências bibliográficas obtidas na base de dados Scielo de acordo com os descritores.

Título	Tipo de estudo/ Local da realização do estudo	Revisita/Ano de publicação	Objetivos do estudo
Construção de um Projeto de Cuidado em Saúde Mental na Atenção	Relato de experiência/ SP	Psicologia e Profissão/ 2010	Contribuir com a reflexão sobre ações terapêuticas para promoção e proteção da saúde

Saúde mental na atenção básica: prática da equipe de saúde da família	Revisão de literatura/ PR	Rev Esc Enferm USP/ 2011	Analisar na produção científica as ações realizadas por profissionais do Programa Saúde da Família na atenção à	Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários	Pesquisa documental descritiva/ PB	Rev Gaúcha Enferm/ 2013	Identificar situações de sofrimento emocional mais frequentes nos relatos de usuários da Terapia comunitária integrativa (TCI)
SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA: uma abordagem convergente assistencial	Estudo qualitativo/ RS	Rev Gaúcha Enferm/ 2011	Conhecer expectativas e anseios de uma comunidade em relação à implantação de um grupo de saúde mental na atenção básica	Apoio matricial: um caminho para a integração saúde mental e atenção primária	Revisão Integrativa/ RS	Saúde Debate/ 2014	Aborda a integração da saúde mental na Atenção Primária à Saúde por meio do apoio matricial
Saúde mental na atenção primária à saúde: estudo avaliativo em uma grande cidade	Estudo qualitativo/ SP	Ciência e Saúde Coletiva/ 2011	Avaliar a articulação entre as redes de atenção primária e de saúde mental em regiões de alta vulnerabilidade	A rede de atenção a partir da Estratégia Saúde da Família	Estudo qualitativo/ RS	Rev Gaúcha Enferm./ 2014	Discutir a rede de atenção em saúde mental a partir do cotidiano de serviço de uma Estratégia Saúde da Família (ESF)
Apoio matricial como dispositivo do cuidado em saúde mental na atenção primária: olhares múltiplos e dispositivos para resolubilidade	Estudo qualitativo/ CE	Ciência e Saúde Coletiva/ 2012	Analisar a articulação das ações de saúde mental entre as equipes da Estratégia Saúde da Família e do Centro de Atenção Psicossocial	“Fui lá no posto e o doutor me mandou foi pra cá”: processo de medicalização e (des)caminhos para o cuidado em saúde mental na Atenção Primária	Estudo qualitativo/ CE	Interface Comunicação Saúde Educação/ 2014	Compreender como o cuidado em saúde mental vem sendo produzido na Atenção Primária
Demandas de saúde mental: percepção de enfermeiros de equipes de saúde	Estudo qualitativo/ SP	Acta Paul Enferm/ 2012	Descrever como são identificadas e acolhidas as necessidades de saúde mental (SM) por equipes de saúde da	O Projeto Terapêutico Singular e as práticas de saúde mental nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) em Guarulhos (SP), Brasil	Estudo qualitativo/ SP	Ciência e Saúde Coletiva/ 2014	Analisar a elaboração de Projeto terapêutico Singular (PTS) pelas equipes de saúde mental dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) e suas articulações
Grupos de Saúde mental na atenção primária à saúde	Estudo qualitativo/ RS	Fractal Rev. Psicol./ 2012	Analisar as práticas de cuidado desenvolvidas nos grupos de saúde mental	Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde: avaliação sob a ótica dos usuários	Estudo qualitativo/ SP	Physis Revista de Saúde Coletiva/ 2014	Investigar a avaliação que os usuários fazem do cuidado em saúde mental recebido por dois serviços públicos de Atenção Primária à Saúde.
Práticas que integram a saúde mental à saúde pública: o apoio matricial e a interconsulta	Estudo qualitativo/ RS	Ciência e Saúde Coletiva/ 2012	Abordar a histórica dissociação entre a saúde mental e a saúde pública, bem como as práticas que propõem sua integração	Acolhimento em Saúde Mental: Operando Mudanças na Atenção Primária à Saúde	Relato de experiência/ RS	Psicologia e Profissão/ 2015	Descrever o processo de implantação do acolhimento às pessoas em sofrimento psíquico em uma unidade de Atenção Primária à Saúde (APS)
Saúde Mental na Estratégia Saúde da Família: revisão da literatura brasileira	Revisão de literatura/ ES	Saúde Soc. São Paulo/ 2012	Analisar os principais temas da literatura científica brasileira sobre saúde mental na Estratégia Saúde da Família	Apoio matricial, Projeto Terapêutico Singular e produção do cuidado em saúde mental	Estudo qualitativo/ CE	Texto Contexto Enferm./ 2015	Compreender como se conformam o apoio matricial, projeto terapêutico singular, e sua interface com a produção do cuidado em saúde mental
Acessibilidade e resolubilidade da assistência em saúde mental: a experiência do apoio matricial	Estudo qualitativo/ CE	Ciência e Saúde Coletiva/ 2013	Compreender como as ações de matriciamento em saúde mental contribuem para a acessibilidade e a resolubilidade dos casos de saúde mental	A perspectiva dos profissionais da Atenção Primária à Saúde sobre o apoio matricial em saúde mental	Estudo qualitativo/ RS	Ciência e Saúde Coletiva/ 2015	Investigar o apoio matricial (AM) em saúde mental na Atenção Primária à Saúde, na perspectiva dos profissionais generalistas
Apoio matricial como ferramenta de articulação entre a saúde mental e a atenção	Revisão Integrativa/ RS	Cad. Saúde Colet./ 2013	Caracterizar a utilização do apoio matricial como instrumento de articulação entre a Atenção Primária e a Saúde	O labirinto e o minotauro: saúde mental na Atenção Primária à Saúde	Artigo teórico/ RS	Ciência e Saúde Coletiva/ 2015	Discutir a questão da integração da saúde mental na Atenção Primária
Apoio matricial em saúde mental na atenção primária à saúde: uma análise da produção científica e documental	Estudo qualitativo/ CE-SP	Interface Comunicação Saúde Educação/ 2013	Analisar criticamente o apoio matricial por meio das publicações em periódicos científicos e documentos do Ministério da Saúde				
Atenção à saúde mental na estratégia Saúde da Família: recursos não conhecidos	Estudo qualitativo/ SP	Psicologia USP/ 2013	Produzir sentidos com profissionais da Saúde da Família sobre seus recursos para o cuidado em saúde mental				

Práticas assistenciais em saúde mental na atenção primária à saúde: análise a partir de experiências desenvolvidas em Florianópolis, Brasil	Estudo descritivo/ SC	Ciência Saúde Coletiva/ 2015	Descrever práticas assistenciais em saúde mental oferecidas na rede de Atenção primária à saúde
Saúde Mental: como as equipes de Saúde da Família podem integrar esse cuidado na Atenção Básica?	Revisão de literatura/ SP	Ciência Saúde Coletiva/ 2015	Entender como a Saúde Mental se insere na prática da Estratégia de Saúde da Família
Ações de saúde mental na Estratégia Saúde da Família: Expectativas de familiares	Estudo qualitativo/ RS	Escola Anna Nery/ 2016	Compreender as expectativas de familiares de usuários com transtorno mental da Estratégia Saúde da Família (ESF), em relação às ações de saúde mental
Registro de distúrbios mentais no Sistema de Informação da Atenção Básica do Brasil, 2014	Estudo ecológico/ AM	Epidemiol. Serv. Saúde/ 2016	Descrever a magnitude da ocorrência de registro de Distúrbios Mentais (DM) na Atenção Básica à Saúde em municípios brasileiros e analisar os fatores associados

Dos 27 artigos selecionados, nota-se um aumento de produção referente à temática no decorrer dos anos.

Os estados do RS e SP tem a maior prevalência, realizaram dez e oito dos estudos selecionados para este trabalho, respectivamente. Seguidos pelo estado do CE, que produziu cinco artigos; e os demais AM, ES, PB, PR e SC apresentaram um estudo cada durante os últimos cinco anos.

A temática das revistas em que cada publicação se encontra variou entre: periódicos de enfermagem, revistas de psicologia, saúde-educação e saúde coletiva, esta última, com o maior número de artigos.

A abordagem dos artigos variou entre: relato de experiência, revisão de literatura, estudo qualitativo, revisão integrativa, pesquisa documental descritiva, estudo descritivo, artigo teórico e estudo ecológico.

Apoio Matricial

O termo “apoio matricial” (ou matriciamento) traz a ideia contrária à lógica do encaminhamento, ou seja, duas ou mais equipes empenham-se em discutir e construir intervenções para cada caso de maneira dinâmica e menos burocrática. Este modelo proposto por Gastão Wagner Campos (1999) é uma maneira de conciliar a saúde mental com a atenção primária (GONÇALVES et al, 2011).

Tal atenção é consolidada no território, na comunidade onde estão inseridos os pacientes, portanto, a integração entre unidades básicas de saúde ou equipes de saúde da família com os CAPS, que se dá através do apoio matricial, é importante para o conhecimento dos casos e a troca de informações entre as equipes, tornando

o cuidado mais resolutivo (PINTO et al 2012). Ademais, os casos anteriormente negligenciados no território, também são vistos mais precocemente através dessa aproximação de equipes (QUINDERÉ et al, 2013).

Para os profissionais envolvidos em estudo publicado em 2015, o apoio matricial é visto positivamente e existe consenso de que os casos que precisam de encaminhamento para determinado serviço especializado são, de fato, os mais complexos. Outro consenso é que o apoio matricial “*qualifica as intervenções em saúde mental*”. Certa tensão existe quando o apoio matricial é utilizado como escusa para que os usuários não acessem outros serviços como o CAPS por exemplo (HIRDES, 2015).

Em estudo anterior, de uma grande cidade brasileira, no qual dois grupos, um com apoio matricial constante e presente; outro com um apoio apenas para capacitação e sem presença de discussão de casos clínicos. Observou-se que no primeiro grupo havia um cuidado maior em relação aos pacientes encaminhados e a responsabilização dos casos era de ambas as partes. Já o segundo grupo esteve focado sempre no encaminhamento, o que gera uma não responsabilização sobre o caso. Esta mesma equipe sente conjuntamente impotência e despreparo para lidar com a saúde mental. Enquanto o grupo I entende que, apesar da grande importância que tem suas demandas, estas são sentidas com menos angústia, pois não estão profissionalmente desamparados CAMPOS et al, 2011).

A integração do apoio matricial na atenção primária é um processo complexo, devido aos grandes desafios organizacionais, estruturais e políticos. Entretanto, o desenvolvimento do cuidado através deste recurso envolve o uso de tecnologia leve, juntamente com esforço de uma equipe que articule as ações e defina papéis, além da busca por suporte no próprio território. Acolhimento, escuta e vínculo são maneiras de viabilizar o cuidado integral aos usuários (HIRDES; SILVA, 2014; JORGE et al, 2015).

A construção do matriciamento não envolve apenas os profissionais que lidam diretamente com o usuário, a responsabilidade é de gestores, para que apoiem e reconheçam a importância dessa prática, e também dos próprios usuários, para que cobrem o seu funcionamento efetivo, propiciando espaço para um trabalho multi e interdisciplinar, tecendo uma “*rede de pessoas e serviços*” (MACHADO; CAMATTA, 2013; HIRDES; SCARPARO, 2015).

Esta rede em sua prática une profissionais de serviços de saúde mental, sejam estes psicólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras, dentre outros; com profissionais da atenção básica: enfermeiros, auxiliares e técnicos, agentes comunitários de saúde para encontros e discussões de casos com o intuito de pensar em conjunto como acolher e assistir casos no território sem que seja necessária apenas a atenção especializada (SILVEIRA, 2012).

Apesar de experiências muitas positivas e do potencial que tem o apoio matricial a saúde mental no território também não deve ficar limitada apenas ao modelo até então discutido (BONFIM et al, 2013; GRYSCHKEK; PINTO, 2015).

Outras ações de saúde mental na atenção básica

Desenvolver ações de saúde mental na atenção primária, tendo em vista agravos específicos, é possível através do conhecimento dos casos existentes no território. A fragilidade dessa articulação é sugerida pelo fato de existirem poucos registros de distúrbios mentais no Sistema de Informação da Atenção Básica. Em 14 estados brasileiros não foram constatados tais registros e menos de 1% dos municípios apresentavam registros frequentes (SOUZA, 2016).

A atenção básica, como uma das portas de entrada para o SUS e inserida no território, recebe os mais diversos pacientes em seus sofrimentos físicos ou psíquicos. Assim, um acolhimento adequado se mostra importante para que cada caso seja conduzido de maneira compatível às necessidades. Esta prática de acolher, escutar e perceber os aspectos subjetivos que muitas vezes permeiam as angústias e sofrimentos mentais dão suporte para atender o aumento das demandas de saúde mental e reorganizar o trabalho das equipes para ampliar e criar novos instrumentos de cuidado e apoio (MINOIA; MINOZZO, 2015).

Um instrumento também encontrado para proporcionar um cuidado próximo e contínuo foi a Terapia Comunitária Integrativa (TCI), que é um espaço de acolhimento, escuta e troca de saberes, o qual possibilita incluir usuários e permitir a criação de uma rede de apoio e vínculo. Os resultados se mostraram positivos, ou seja, o encontro tem efeitos benéficos para os participantes e auxiliam inclusive a equipe de saúde da família a poder traçar novas estratégias de cuidado mais resolutivas (ROCHA et al, 2013).

Por causa das altas demandas tanto dos usuários, quanto de familiares e cuidadores, muitos estudos revelam a importância da presença do psicólogo em Unidades de saúde da família como referência na questão de saúde mental (SOUZA et al, 2012).

Outra ação que acontece no território são as visitas domiciliares, estas destacadas como uma prática que favorece o conhecimento do paciente com transtorno mental e de sua realidade, assim há melhora no cuidado, vínculo e acolhimento (CORREIA et al, 2011).

Quando é construída essa relação de confiança, os usuários sabem onde encontrar apoio e auxílio para a resolução de conflitos ou problemas, ainda que existam reclamações acerca da maneira como uma equipe recebe um sofrimento mental, muitos usuários reconhecem a facilidade de ter em seu próprio território pessoal para recebê-los nesses momentos. Ainda sugerem um acom-

panhamento com mais proximidade e contínuo, levando em conta todo o contexto e não apenas seu diagnóstico, medicamentos e diminuição de sintomas (FRATESCHI; CARDOSO, 2014).

Acompanhar requer disponibilidade para envolver-se em contextos junto ao paciente. Um caminho abordado por usuários foi o oferecimento de espaços onde aconteçam reflexões acerca da saúde mental na comunidade, que possam ressaltar demandas, que permitam pensar na loucura como parte da vida de todos, que problematizem necessidades, e enfim, possibilitem a formação de opiniões para o enfrentamento dos desafios diários (ANTONACCI; PINHO, 2011).

Seguir essa ideia de oferecer espaços terapêuticos aos usuários foi eficaz no sentido de promover uma consciência da corresponsabilização do cuidado, consequentemente, os usuários sentem-se parte de seu tratamento, protagonistas de sua existência, mudam suas relações consigo mesmos, dialogam com a equipe, questionam procedimentos e prescrições, ou seja, resgatam diversas potencialidades para que haja a consolidação da autonomia (RAMOS; PIO, 2010; MINOZZO et al, 2012).

Quando não há tempo para o diálogo terapêutico e o atendimento dos transtornos mentais na comunidade limita-se a uma ação pontual, toda a ideia de construção do cuidado territorial retorna ao encaminhamento para serviços especializados (WETZEL et al, 2014).

É importante ressaltar que não só intervenções sociocomunitárias ou diálogos são realizados, pois existe, aliado a todos esses processos, a intervenção farmacológica, que muitas vezes não caminha junto com escuta ou avaliações constantes. Também para as intervenções farmacológicas, o apoio matricial já citado se mostra importante e efetivo, já que muitas renovações de receitas são operadas nos centros de saúde na atenção básica (FROSI; TESSER, 2015).

Para que todas as ações na atenção básica sejam possíveis e tenham a resolutividade esperada, faz-se necessário uma reformulação no processo de trabalho das equipes de saúde das UBS's, pois este muitas vezes inviabiliza encontros, discussões em grupo, aprendizado e trocas de experiências (HORI; NASCIMENTO, 2014).

A necessidade de educação permanente e continuada é reconhecida pelos profissionais de enfermagem e a educação permanente das equipes da estratégia de saúde da família é indispensável para as práticas exercidas na comunidade, que pressupõe olhar, escuta, acolhimento e não apenas recursos "medicamentais" (SOUZA; LUIS, 2012; BEZERRA et al, 2014).

Os familiares de usuários também revelam que consideram importante o conhecimento técnico de saúde mental por parte dos trabalhadores que lidam com seus familiares portadores de transtorno mental (CAMATTA et al, 2016).

Muitos profissionais enxergam sua atuação como um

desafio, pois sentem não possuir determinados recursos, tanto teóricos quanto técnicos, ao mesmo tempo que se empenham para construir vínculos de confiança para o cuidado em saúde mental (RIBEIRO et al, 2013).

4. CONCLUSÃO

A temática estudada articulação entre a saúde mental e a atenção básica é primordial para o fortalecimento do cuidado com as pessoas com sofrimento psíquico.

Os achados evidenciaram diversas práticas têm sido realizadas para que existam diálogo e articulação entre os serviços de atenção primária à saúde e saúde mental. A questão do matriciamento foi abordada por diversos artigos deste estudo e vista como um importante instrumento que facilita troca de informações; discussões dos casos; e apoio à equipe de atenção básica.

Embora o apoio matricial seja complexo do ponto de vista organizacional, é uma ferramenta que utiliza tecnologias leves como: encontros de grupo, discussões, construção de vínculos e facilita o preparo de profissionais para lidar com as demandas de saúde mental no seu território.

Essas ações territoriais repercutem também em questões como a participação e necessidade de apoio aos familiares e, sobretudo, alcançam os profissionais de saúde. Pois eles próprios questionam seu conhecimento técnico e a necessidade de acompanhamento de educação continuada e permanente em saúde mental. O que remete novamente ao matriciamento, que também pode fornecer tal ferramenta.

Uma limitação deste artigo foi à busca a apenas a um banco de dados, a Scientific Electronic Library Online - Scielo, porém outras investigações poderão ser realizadas ampliando as buscas, pois a temática não se esgota por ser um tema que merece atenção dos pesquisadores da área da saúde e das ciências afins.

REFERÊNCIAS

- [1] ANTONACCI M.H., PINHO L.B. Saúde mental na atenção básica: uma abordagem convergente assistencial. *Rev. Gaucha Enferm.* v.32, n.1, p.136-42, 2011.
- [2] BEZERRA I.C. et al. "Fui lá no posto e o doutor me mandou pra cá": processo de medicalização e (des)caminhos para o cuidado em saúde mental na Atenção Primária. *Interface (Botucatu)*, v.18, n.48, p.61-74, 2014.
- [3] BONFIM I.G. et al. Apoio matricial em saúde mental na atenção primária à saúde: uma análise da produção científica e documental. *Interface (Botucatu)*, v.17, n.45, p.287-300, 2013.
- [4] BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.
- [5] BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
- [6] BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde mental e atenção básica: o vínculo e o diálogo necessários. Brasília: Ministério da Saúde; 2007. p. 2-3.
- [7] BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Portaria nº 3.088, de 23 de Dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2011. [acesso 18 Out 2016]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html
- [8] BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. p. 21-22. *Cadernos de Atenção Básica*; nº 34.
- [9] CAMATTA M.W. et al. Ações de saúde mental na Estratégia Saúde da Família: expectativas de familiares. *Esc Anna Nery*, v.20, n.2, p.281-8, 2016.
- [10] CAMPOS G.W.S. et al. Tratado de saúde coletiva. 2ª ed. São Paulo: Hucitec. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; 1999.
- [11] CAMPOS R.O. et al. Saúde mental na atenção primária à saúde: estudo avaliativo em uma grande cidade brasileira. *Cienc Saude Colet.*, v.16, n.12, p.4643-52, 2011.
- [12] CORREIA V.R.. et al. Saúde mental na atenção básica: prática da equipe de saúde da família. *Rev Esc Enferm USP*, v.45, p.6, p. 1501-6, 2011.
- [13] FRATESCHI M.S., CARDOSO C.L. Saúde mental na Atenção Primária à Saúde: avaliação sob a ótica dos usuários. *Physis Rev. Saude Colet.* v.24, n.2, p.545-65, 2014.
- [14] FROSI R.V., TESSER C.D. Práticas assistenciais em saúde mental na atenção primária à saúde: análise a partir de experiências desenvolvidas em Florianópolis, Brasil. *Cienc Saude Colet.*, v.20, n.10, p.3151-61, 2015.
- [15] GONÇALVES D.A. et al. Guia prático de matriciamento em saúde mental. Brasília: Ministério da Saúde; 2011. [acesso 18 Out 2016]. Disponível em: <http://amazonia.fiocruz.br/arquivos/category/83-2013-09-17-09-20-37?download=1719:2014-03-19-17-45-18&st=art=60>.
- [16] GRYSCHER G., PINTO A.A.M. Saúde mental: como as equipes de Saúde da Família podem integrar esse cuidado na Atenção Básica? *Cienc. Saude Colet.*, v.20, n.10, p.3255-62, 2015.
- [17] HIRDES A.; SILVA M.K.R. Apoio matricial: um caminho para a integração saúde mental e atenção primária. *Saúde Debate*, v.38, n.102, p.582-92, 2014.
- [18] HIRDES A. A perspectiva dos profissionais da Atenção Primária à Saúde sobre o apoio matricial em saúde mental. *Cienc Saude Colet.*, v.20, n.2, p.371-82, 2015.
- [19] HIRDES A.; SCARPARO H.B.K. O labirinto e o minotauro: saúde mental na Atenção Primária à Saúde. *Cienc Saude Colet.*, v.20, n.2, p.383-93, 2015.
- [20] HORI A.A., NASCIMENTO A.F. O Projeto Terapêutico Singular e as práticas de saúde mental nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) em Guarulhos (SP), Brasil. *Cienc. Saude Colet.*, v.19, n.9, p.3561-71, 2014.

- [21] JORGE M.S.B. et al. Apoio matricial, Projeto Terapêutico Singular e produção do cuidado em saúde mental. *Texto Contexto Enferm.*, v.24, n.1, p.112-20, 2015.
- [22] MACHADO D.K.S.; CAMATTA M.W. Apoio matricial como ferramenta de articulação entre a saúde mental e a atenção primária à saúde. *Cad. Saude Colet.*, v.21, n.2, p.224-32, 2013.
- [23] MENDES K.D.S. et al. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm.*, v.17, n.4, p.758-64, 2008.
- [24] MINOIA N.P., MINOZZO F. Acolhimento em saúde mental: operando mudanças na atenção primária à saúde. *Psicol. Cienc. Prof.*, v.35, n.4, p.1340-0, 2015
- [25] MODESTO T.N., SANTOS D.N. Saúde mental na atenção básica. *Rev. Baiana Saude Publica*, v.31, n.1, p.19-24, 2007.
- [26] MINOZZO F. et al. Grupos de saúde mental na atenção primária à saúde. *Fractal Rev Psicol.*, v.24, n.2, p.323-40, 2012.
- [27] PINTO A.G.A. et al. Apoio matricial como dispositivo do cuidado em saúde mental na atenção primária: olhares múltiplos e dispositivos para resolubilidade. *Cienc Saude Colet.* V.17, n.3, p.653-60, 2012.
- [28] QUINDERÉ P.H.D. et al. Acessibilidade e resolubilidade da assistência em saúde mental: a experiência do apoio matricial. *Cienc. Saude Colet.*, v.18, n.7, p. 2157-66, 2013.
- [29] RAMOS P.F., PIO D.A.M. Construção de um projeto de cuidado em saúde mental na atenção básica. *Psicol Cienc Prof.* v.30, n.1, p.212-23, 2010.
- [30] RIBEIRO M.O.P et al. Atenção à saúde mental na estratégia saúde da família: recursos não reconhecidos. *Psicol USP.* v.24, n.3, p.369-90, 2013
- [31] ROCHA I.A. et al. Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários. *Rev. Gaucha Enferm.*, v.34, n.2, p.155-62, 2013.
- [32] SILVEIRA E.R. Práticas que integram a saúde mental à saúde pública: o apoio matricial e a interconsulta. *Cienc Saude Colet.*, v.17, n.9, p.2377-86, 2012
- [33] SOUZA L.G.S. et al. Saúde mental na estratégia saúde da família: revisão da literatura brasileira. *Saude Soc.*, v.21, n.4, p.1022-34, 2012.
- [34] SOUZA J., LUIS M.A.V. Demandas de saúde mental: percepção de enfermeiros de equipes de saúde da família. *Acta Paul Enferm.*, v.25, n.6, p.852-8, 2012. .
- [35] SOUZA M.L.P. Registro de distúrbios mentais no Sistema de Informação da Atenção Básica do Brasil, 2014. *Epidemiol Serv Saude*, v.25, n.2, p.405-10, 2016.
- [36] WETZEL C. et al. A rede de atenção à saúde mental a partir da Estratégia Saúde da Família. *Rev Gaucha Enferm.* v.35, n.2, p.27-32, 2014.